



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CAMPUS DE SOBRAL
CURSO DE MÚSICA – LICENCIATURA

RAYANE MENDONÇA LOPES

**NARRATIVAS E CAMINHOS DE FORMAÇÃO: UMA COMPREENSÃO DA
TRAJETÓRIA DE ESTUDANTES E PROFESSORES DE CORDAS
FRICCIONADAS DA CIDADE DE SOBRAL-CE**

SOBRAL – CEARÁ

2019

RAYANE MENDONÇA LOPES

NARRATIVAS E CAMINHOS DE FORMAÇÃO: UMA COMPREENSÃO DA
TRAJETÓRIA DE ESTUDANTES E PROFESSORES DE CORDAS
FRICIONADAS DA CIDADE DE SOBRAL-CE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Música-
Licenciatura da Universidade Federal do Ceará
como parte dos requisitos de obtenção do grau
de licenciada em Música.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo da Silveira
Borne

SOBRAL – CEARÁ

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L855n Lopes, Rayane Mendonça.
Narrativas e caminhos de formação : uma compreensão da trajetória de estudantes e professores de cordas friccionadas da cidade de Sobral-CE / Rayane Mendonça Lopes. – 2019.
49 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, Curso de Música, Sobral, 2019.

Orientação: Prof. Dr. Leonardo da Silveira Borne.

1. Trajetórias musicais. 2. Estudantes e professores. 3. Cordas friccionadas. 4. Experiências e vivências. I. Título.

CDD 780

Dedico este trabalho aos meus pais, que com todo amor e afeto me apoiaram nesta jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida e por me permitir concluir com louvor esta etapa, mesmo com os desafios.

A todos os meus familiares, aos meus pais que amo e honro desde dia que me possibilitaram vir ao mundo e pelo grande incentivo e força para concluir esta graduação e aos meus irmãos que tanto amo.

À Fundação Cultural Maestro J. Ratinho por ter possibilitado o meu primeiro acesso à Música em Canindé.

A todos os amigos e colegas que fiz em Sobral, que me permitiram crescer enquanto ser humana e a todas as experiências que tive nesta cidade.

Ao curso de Licenciatura em Música e todo seu corpo docente pelo incentivo e apoio, aos colegas músicos da OSUFC, pelas jornadas de ensaios e apresentações.

Aos meus queridos professores de cordas que contribuíram para minha jornada, Joaquim, Joana Dar'c, Valdemir, Átila e Israel, pelos incentivos e por me possibilitarem a expansão nesta linda área.

À Escola de Música de Sobral, que me acolheu tão bem desde a minha chegada em Sobral e me possibilitou grandiosas experiências.

A cidade de Sobral, que me acolheu e me possibilitou não só cursar uma graduação, mas também de me permitir eu ir de encontro comigo mesma.

Ao meu querido orientador, Léo Borne, que com leveza, persistência, sabedoria e afeto me incentivou e me apoiou para finalização deste ciclo.

“Quero cantar como os pássaros cantam,
não se preocupar com quem ouvem ou
que eles pensam”

Rumi

RESUMO

A pesquisa intitulada Narrativas e Caminhos de Formação: uma compreensão da trajetória de estudantes e professores de cordas friccionadas da cidade de Sobral-CE, tem por objetivo apresentar sobre as experiências, vivências e trajetórias destes discentes e docentes junto ao instrumento, baseadas em uma pesquisa qualitativa de casos múltiplos. As reflexões contidas no trabalho reportam os principais apontamentos advindos das etapas de sua construção, desde o processo de embasamento teórico, formatação das ideias textuais, processo das entrevistas, discorrimento das transcrições e da análise e discussão dos resultados. Contribuíram teoricamente para desenvolvimento desta pesquisa os aportes principalmente Maffioletti (2016) e Anjos (2015). As trajetórias e narrativas percorridas aqui apresentam as subjetividades dos participantes/instrumentistas, os quais descrevem suas principais e significativas experiências dentro do campo musical, especificamente na família das cordas friccionadas, bem como, nos contextos individuais e coletivos, nos espaços e conjuntos os quais eles estão inseridos e as particularidades de cada um. Esta pesquisa também permitiu transparecer o envolvimento da pesquisadora, devido a familiaridade com a área e a relação com os sujeitos pesquisados, assim como, seu papel dentro do trabalho. Os resultados refletidos trouxeram percepções significativas sobre trajetórias da formação musical, encorajando a assumir a tamanha importância em abordar isto com instrumentistas dentro do contexto das cordas friccionadas.

Palavras-chaves: Trajetórias musicais. Estudantes e Professores. Cordas Friccionadas. Experiências e Vivências.

ABSTRACT

The research entitled *Narratives and Paths of Formation: an understanding of the trajectory of students and teachers of friction strings in the city of Sobral-CE*, aims to present on the experiences, experiences and trajectories of these students and teachers with the instrument, based on qualitative research of multiple cases. The reflections contained in the paper report the main notes coming from the stages of its construction, from the theoretical basis, the formatting of the textual ideas, the interview process, the transcription and the analysis and discussion of the results. Maffioletti (2016) and Anjos (2015) contributed mainly to the development of this research. The trajectories and narratives discussed here present the participant / instrumentalists' subjectivities, which describe their main and significant experiences within the musical field, specifically in the family of the friction strings, as well as in the individual and collective contexts in the spaces and ensembles which they are inserted and the particularities of each. This research also allowed to show the involvement of the researcher, due to the familiarity with the area and the relationship with the researched subjects, as well as their role within the work. The results reflected significant insights into trajectories of musical formation, encouraging them to assume such importance in approaching this with instrumentalist within the context of the friction strings.

Keywords: Musical trajectories. Students and Teachers. Fractioned Strings. Experiences and Experiences.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFC - Universidade Federal do Ceará

OSUFC - Orquestra Sinfônica da Universidade Federal do Ceará

KEES - Quarteto de cordas friccionadas formado por mulheres

EMS - Escola de Música de Sobral

UECE - Universidade Estadual do Ceará

OSUECE - Orquestra Sinfônica da Universidade Estadual do Ceará

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. SOBRE NARRATIVAS E TRAJETÓRIAS E SUA RELAÇÃO COM A PESQUISA.....	12
3. METODOLOGIA.....	15
3.1 Sobre o Estudo de Multicaso.....	15
3.2 Sobre as Entrevistas.....	16
3.3 Processo de Coleta de Dados.....	17
3.4 Sobre a Organização dos Dados e Análise.....	17
4. TRAJETÓRIAS E NARRATIVAS DOS INSTRUMENTISTAS.....	18
4.1 Contato com o Instrumento.....	18
4.2 Experiências Marcantes.....	20
4.3 Percepções sobre vivências em solo e em conjunto.....	24
4.4 Percepções sob a visão dos entrevistados do motivo de participação na pesquisa.....	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	31
APÊNDICES.....	33

1. Introdução

O presente trabalho busca trazer reflexões sobre trajetórias formativas, experiências e vivências de estudantes e professores da família das cordas friccionadas (violino, viola, violoncelo e contrabaixo) da cidade de Sobral – CE. Estando inserida no campo das cordas friccionadas como instrumentista, especificamente, como violista, tal trabalho tem um valor significativo tanto pelo quesito afetivo quanto pelo investigativo, neste último, no que se refere a ter uma compreensão do contexto referido dentro da cidade, assim como, a importância deste estudo para conhecimento público sobre o ensino de cordas e suas principais características.

A inserção na área das cordas friccionadas se deu um pouco antes da minha entrada na graduação, no curso de Licenciatura em Música da UFC *campus* de Sobral¹, em um projeto para jovens na minha cidade natal, Canindé/CE. Lá iniciei no violino, em que o professor-instrumentista vinha de Fortaleza para dá aulas aos sábados a um grupo de aproximadamente 15 jovens. A partir disto, passei a tomar um maior conhecimento sobre o instrumento e a família das cordas, assim como, aonde eles atuam mais, como orquestras, cameratas, dando início assim às vivências dentro de um conjunto de cordas e aprendizagem do instrumento.

Com isso, afirmo e tenho o conforto de discorrer sobre o trabalho assumindo a minha subjetividade como base para os questionamentos e demais ações investigativas. Minha identidade subjetiva transparece, principalmente, quando ouço os participantes nas entrevistas, rememorando minhas próprias memórias e significados das próprias vivências no campo das cordas friccionadas. Um trecho bastante relevante que se aproxima do meu ponto de vista quando Gomes (1998, p.15) fala sobre relatos e narrativas de vida:

Através do relato oral, obtém-se dados que emergem da memória de cada indivíduo, com suas experiências e vivências. Considerar a memória como fonte de dados é considerar a vida do narrador, suas histórias de vida, histórias contextualizadas em tempo, lugar. Nas histórias de vida, “a subjetividade aparece como matéria prima do trabalho científico (DIOGENES, 1996, p.98). Não só as subjetividades do entrevistado, mas também as do entrevistador

¹ O curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Ceará *campus* Sobral, foi criado no ano de 2011 com o objetivo de atender as demandas da região norte do estado do Ceará. No intuito de formar Educadores Musicais em nível superior, o curso abrange conhecimentos musicais, instrumentais e pedagógicos, possibilitando a atuação do professor de forma artística e pedagógica.

passam a ser vivenciadas na prática da entrevista de História de Vida, colocando em xeque, de forma clara, a posição do intelectual, seus valores, suas crenças, suas teorias (VIDAL, 1987, p.132).

Os questionamentos que instigaram a construção deste trabalho foram de como se deram/dão os percursos de formação de discentes e docentes da família das cordas friccionadas, os espaços que atuam, como se enxergam enquanto instrumentistas, o que é para eles as vivências significativas dentro do campo das cordas e/ou através do instrumento, quais as suas percepções sobre suas experiências em solo e em conjunto. Com isso as questões-problema foram: Como se dá as trajetórias de estudantes e professores de cordas na cidade de Sobral? E quais as características que carregam estas trajetórias? Qual a motivação para estudar/aprender o instrumento? O que para eles é ter uma vivência marcante dentro do contexto das cordas? Qual a importância e/ou o papel do espaço que possibilitou o contato deles com o instrumento?

Um outro contexto importante a se considerar foi o espaço que tiveram acesso ao ensino do instrumento, que na sua grande maioria no que se refere ao estudantes-participantes, foi citada a Escola de Música de Sobral, tendo esta, um significativo protagonismo humano, histórico e artístico do ensino de música local.

No ano de 1997, afim de retomar a institucionalização de uma escola de Música na cidade de Sobral/CE, foram contratados pela gestão municipal da época, instrumentistas da Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte, sendo professores dos instrumentos da família das cordas friccionadas e demais profissionais da área vocal. Com isso, passando a fortalecer um alicerce para a construção da Escola de Música Maestro José Wilson Brasil, oficialmente criada em 2001 através do decreto nº303, de 23 de janeiro de 2001, e até os dias atuais exerce uma grande importância como espaço de aprendizagem artística, musical e instrumental para o município e região.

O trabalho traz importantes informações inseridas na área musical dentro do contexto da família das cordas friccionadas no que se diz a trajetórias formativas, bem como, pequenos apontamentos de uma amostra dos perfis de estudantes e professores da área já citada, permitindo a exposição e o acesso como fonte para demais pesquisas com temas semelhantes e/ou próximos.

Com isso, acredito que as trajetórias e vivências quando lembradas/rememoradas, trazem consigo significados para os que falam sobre, neste caso, os sujeitos da pesquisa.

Busco abordar de uma forma simplória as reflexões geradas com base nas perspectivas dos estudantes e professores da família das cordas friccionadas da cidade de Sobral/CE, bem como, o contexto deste ensino dentro da cidade e a sua significância.

2. Sobre narrativas e trajetórias e sua relação com a pesquisa

O embasamento teórico para construção do trabalho baseou-se em ideias que entrassem numa investigação aproximada sobre trajetórias de vida, experiências e perspectivas sobre vivências. Com isso, partiu de uma busca de compreender essa questão de experiências e trajetórias inseridas na família das cordas friccionadas com base nas palavras dos instrumentistas.

Considero a fala de Anjos (2015, p. 39) muito especial e que vai ao encontro das minhas ideias:

no campo das ciências humanas têm-se constantemente tentado relacionar a ação do sujeito no mundo com sua trajetória de vida. Entender os caminhos e as escolhas que nos levam ao envolvimento com determinando tema de pesquisa também é uma forma de abordagem. Nossos caminhos são, muitas vezes, atravessados por dúvidas e inquietações que representam, em boa medida, a natureza curiosa do pesquisador.

As experiências, a meu ver, trazem significados perceptíveis e individuais para cada um, seja no lugar que esteja inserido ou na vivência que participou. Com isso, nas palavras de Maffioletti (2016, p. 46), “estamos falando de uma outra concepção de experiência, qual seja, da experiência que as pessoas contam não sobre o que a vida lhes ensinou, mas o que aprenderam experiencialmente nas circunstâncias da vida”. Segundo Josso (2004 *apud* MAFFIOLETTI, 2016, p. 46), “a experiência forma uma referencial que nos ajuda a avaliar uma situação ou um acontecimento. Tão heterogêneo quanto são as vivências de cada pessoa, a experiência propicia aprendizagem de conhecimentos existenciais sobre o próprio funcionamento pessoal.”.

É isto que se aproxima do que procuro transmitir na minha pesquisa, aonde destaco tendências, mas também exponho particularidades com base na fala dos entrevistados, como será visto na análise. Meus participantes possuem suas particularidades e cada um experienciou de uma forma a sua inserção na área de cordas friccionadas, mesmo o panorama geral trazendo semelhanças. Os relatos sobre as

vivências em meio ao contexto-foco do trabalho demonstram a intrínseca relação com a área das cordas, o valor significativo que eles atribuíram a este envolvimento com o instrumento, e também com os conjuntos que fazem parte.

Outra questão importante para destaque é que os participantes/instrumentistas não tiveram somente um papel de trazer suas falas, mas principalmente para que esta pesquisa criasse corpo, voz e alma. Segundo Gomes (1998, p. 15), “a partir de conversas, ‘os sujeitos’ de pesquisa, passam a ser, nela, colaboradores”.

É importante salientar que o contexto desta pesquisa é o de compreender as trajetórias dos sujeitos em questão, e nelas, o entendimento das experiências e vivências significativas que estão envolvidas. O contexto local, como por exemplo a cidade de Sobral/CE e o contexto do ensino de cordas friccionadas nela tem um papel importante de coleta de informações para enriquecer este trabalho, porém, não é o foco maior.

O instrumento em si também teve participação, pois a pesquisa se baseou nos instrumentistas e destacou a relação em que eles criaram com seus respectivos instrumentos (violino, viola, violoncelo, contrabaixo) e com a música. Aspectos como envolvimento individual com o instrumento, os ensaios nos conjuntos que participam, as experiências e vivências junto a ele, cito Maffioletti (2016, p.46)

Na área da Música a ideia de “praticar para aprender” é uma condição na aprendizagem da performance em qualquer instrumento. Isso porque estudar um instrumento musical é, sem dúvida, praticar ou dedicar boa parte do tempo ao domínio de certos mecanismos de destreza, sem os quais a execução instrumental perde a sua força expressiva.

De modo pessoal, o estudo sobre as trajetórias de vida/formativas trouxeram pensamentos e conhecimentos da importância de como se é particular o caminho de cada um, mesmo estando em espaços e cidade semelhantes. O embasamento teórico quebrou ideias antigas, trazendo a visão de como isso é possível em um trabalho de pesquisa.

As etapas (como trajetória) de ter o interesse pelo instrumento, a conexão com a música, a maturidade de envolvimento com o instrumento e com os grupos, as descobertas das possibilidades, as interações, a permissão de expandir através do instrumento, trouxeram *insights* e percepções significativas que ocorreram na própria construção deste trabalho.

Outro ponto em destaque é sobre trajetórias inseridas no campo da Educação Musical, as quais trouxeram conhecimentos sobre o significado pessoal da música e o contexto subjetivo que ela própria foi criando nos grupos e indivíduos. “À medida que a música vai tomando um espaço cada vez mais significativo em sua vida, surge o desejo de ‘se aprofundar em alguma coisa’” (VIEIRA, 2017, p.187). Nesse mesmo sentido, temos “compreendidos os procedimentos que fundamentam os processos de formação, entendemos que o tempo musical posto em comum nas experiências coletivas com a música favorece consideravelmente a interpretação das experiências pessoais e socioculturais que, em última análise, referem-se à identidade e à subjetividade humana.” (MAFFIOLETTI, 2016, p.47)

Na construção desta revisão de literatura, um trabalho de tese foi relevante pelas suas características sobre trajetórias no campo da educação musical, no entanto, com foco e amplitude diferentes desta pesquisa. O cito logo abaixo com um trecho interessante no que se refere ao pesquisador e o seu papel:

Reconstituir o caminho de vida e formação que nos leva até o objeto desta pesquisa é uma forma de inserir o pesquisador como parte do processo de pesquisa. Podemos relacionar a revisão de literatura com o exercício de rememorar; a construção do objeto com a construção do ser humano através das suas vivências e experiências; o recorte atemporal com as nossas idades; o problema de pesquisa como nossas eternas dúvidas existenciais e a hipótese com nossa forma de ser/estar no nesse mundo. (ANJOS, 2015, p.39)

Tal pesquisa traz suas profundidades e reflexões, com isso é que se justifica ainda mais o envolvimento subjetivo com o trabalho, por ele também trazer características do(a) própria(a) pesquisador(a). Para complementar estas palavras, trago um apontamento de Freitas (2002, p.25-26 *apud* ANJOS, 2015, p.39)

O pesquisador, portanto, faz parte da própria situação de pesquisa, a neutralidade é impossível, sua ação e também os efeitos que propicia constituem elementos de análise. Bakhtin contribui para complementar essas ideias afirmando que o critério que se busca numa pesquisa não é a precisão do conhecimento, mas a profundidade da penetração e a participação ativa tanto do investigador quanto do investigado. Disso também resulta que o pesquisador, durante o processo de pesquisa, é alguém que está em processo de aprendizagem, de transformações. Ele se ressignifica no campo. O mesmo acontece como pesquisado que, não sendo um mero objeto, também tem oportunidade de refletir, aprender e ressignificar-se no processo de pesquisa

Portanto, pesquisar sobre trajetórias, experiências e vivências no campo musical e/ou da educação musical é algo desafiador, devido a sua especificidade humana e artística, no entanto, bastante significativa pelas reflexões adquiridas e compartilhadas. Um apontamento significativo para complementar este parágrafo, “a investigação narrativa em educação musical se interessa pela complexidade da vida humana para obter uma visão mais sensível e apurada das relações da pessoa com a música” (MAFFIOLETTI, 2016, p.45).

3. Metodologia

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi de natureza qualitativa, através de um estudo de multicaso (casos múltiplos), baseado em entrevistas aplicadas com os participantes convidados. Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas com posterior transcrição, o que gerou uma elaboração de categorias e, após, a análise para a construção das reflexões e discussões dos resultados deste trabalho.

A natureza qualitativa de investigação se torna mais favorável para esta pesquisa devido ao seu caráter subjetivo, focando nas particularidades e experiências individuais do objeto e/ou sujeito estudado. Para uma melhor compreensão, “considerando a abordagem interpretativa da abordagem qualitativa, onde seus pesquisadores estudam as coisas a partir de seus contextos reais (...) tentando entender, ou interpretar os fenômenos em termos os significados que as pessoas a eles conferem” (DENZIN; LINCOLN, 2003 *apud* MONTANDON, 2008, p. 341).

O fenômeno da pesquisa qualitativa não está no papel de comprovar algo, mas de compreender os dados coletados através de comportamentos, discursos, etc. A partir disto, os sujeitos estudados neste trabalho tiveram um papel de suma importância com seus discursos, visando uma busca de interpretar e entender suas vivências, experiências e particularidades.

3.1 Sobre o Estudo de Multicaso

O estudo multicaso (ou de casos múltiplos) foi o método atribuído para o trabalho, em que o caso é a cidade de Sobral, sendo composto por várias unidades, os instrumentistas de cordas friccionadas desta cidade. Com isso, “nesta modalidade de casos múltiplos o enfoque está na compreensão do objeto e dos sujeitos estudados”, (BARRET, 2014 *apud* BORNE, 2017, p. 138). Ainda sobre isso, “o estudo de casos múltiplos é adequado, pois os resultados neste tipo de enfoque são vistos mais robustos e categóricos” (BORNE, 2017, p. 138) em comparação a um estudo de caso único ou estudo de dois ou mais casos.

O estudo de casos múltiplos se destaca devido a considerar cada instrumentista como um caso em específico, no entanto, os dados são tratados de uma só forma e organizados de modo semelhante. A partir disto que foi buscado tendências nas falas deles, não deixando de destacar as individualidades. Sobre o estudo de casos em geral, faço notar as palavras de Dooley (2002 *apud* MEIRINHOS, 2010, p.52) “a vantagem do estudo de caso é a sua aplicabilidade a situações humanas, a contextos contemporâneos de vida real.”.

3.2 Sobre as Entrevistas

A entrevista elaborada foi construída de uma forma semiestruturada, dado que ela transparece, para a autora deste trabalho, como uma conversa com os participantes, aonde eles se sentissem mais em um espaço de diálogo e pudessem discorrer sobre suas experiências de uma forma mais espontânea. No que se diz respeito às entrevistas, “elas não devem ser vistas como instrumentos para ‘captar a verdade’, mas como estratégias de desencadeamento de discursos.” (TORRES, 2003, p. 97)

Com isso, nas palavras de Scott e Usher (1999, *apud* DEL BEN, 2001, p.74) “a entrevista semiestruturada parte de certos questionamentos construídos pelo pesquisador, mas, por sua estrutura flexível, permite que o entrevistado participe de sua configuração final”. A ideia era que a entrevista trouxesse a ideia de conversa para com os entrevistados, aonde eles se sentissem mais à vontade ou, segundo Cohen e Manion (1994, *apud* DEL BEN, 2001, p. 74) “a entrevista consiste em uma conversação entre duas ou mais pessoas com o propósito de obter determinado assunto ou tema”.

As entrevistas se sucederam em espaços como a Escola de Música de Sobral e a UFC *campus* de Sobral, pois eram lugares os quais eu encontrava os participantes facilmente e os deixaria mais à vontade para o diálogo. Nelas foram listadas sete questões, baseadas na busca de compreender as experiências marcantes como instrumentistas, como se deu o contato com o instrumento, a participação em algum conjunto de cordas, como se veem enquanto instrumentistas e a importância da música e do instrumento.²

3.3 Processo de Coleta de Dados

As entrevistas foram realizadas durante o mês de abril no ano de 2018. Previamente a isso, houve um processo de escolha dos participantes, dez no total (dois professores e oito estudantes), contemplando todos os instrumentos da família das cordas friccionadas (violino, viola, violoncelo, contrabaixo). O convite se fez diretamente de forma verbal, e como critério para participar na pesquisa foi que eu tivesse um fácil acesso a eles, os conhecessem pessoalmente, tivesse noção das suas experiências musicais nas cordas friccionadas, o tempo de estudo com o instrumento considerável, a sua dedicação e o envolvimento com os grupos que participavam, assim como, pelo teor simples do trabalho que teve intuito analisar informações de apenas dez sujeitos que tivessem perfis próximos. Cabe salientar que eles foram tratados de acordo com as normas éticas vigentes e que as suas identidades são mantidas em confidencialidade, passando a ser usados pseudônimos (substituindo suas verdadeiras identidades por nomes criados de forma aleatória) na exposição das entrevistas encontradas no apêndice.

3.4 Sobre a Organização dos Dados e Análise

As questões que compuseram as entrevistas foram as guias para construção das categorias e, também, principal ferramenta para o sentido de discussão do trabalho. A partir delas, pude perceber as semelhanças entre as falas dos participantes, no entanto, não excluindo suas particularidades.

As categorias criadas foram:

² O roteiro para a entrevista se encontra, na íntegra, nos apêndices deste trabalho.

1. experiências marcantes
2. como se deu o contato com o instrumento
3. percepções sobre vivências em conjunto e em solo.
4. percepções sob a visão dos sujeitos do motivo de participar na pesquisa.

Estas possibilitaram uma ampliação na busca de entender as percepções por meio das experiências de cada entrevistado e, também, compreender as proximidades que aconteciam em seus discursos, gerando discussões entre as experiências deles ao mesmo tempo em que eu relembro das minhas próprias experiências e faço considerações sobre o tema.

4. Trajetórias e narrativas dos instrumentistas

A organização e as reflexões geradas por meio das transcrições foram feitas ao redor de quatro categorias: Contato com o Instrumento; Experiências Marcantes; Percepções sobre Vivências em Solo e em Conjunto; e Percepções sob a visão dos entrevistados do motivo de participação na pesquisa. A partir disto será analisado e discorrido em profundidade os aspectos que compõe cada categoria.

4.1 Contato com o Instrumento

Na conversa com os participantes foi bastante claro que eles tiveram o contato musical e instrumental de formas distintas. No entanto, há trilhas e caminhos semelhantes, principalmente no aspecto de algum envolvimento em conjunto orquestral. No total das entrevistas, percebi tendências sobre as suas escolhas instrumentais, como a influência de amigos, o interesse por um outro instrumento inicialmente (como teclado), mas acabar indo para cordas friccionadas que estuda/toca atualmente, assim como, particularidades propriamente na escolha. Nesse amplo espectro, uma tendência a se destacar é faixa-etária deles em relação ao início de aprender a estudar/tocar o instrumento de cordas friccionadas, por volta dos 14 e 18 anos.

A participação de amigos no dado momento em que o participante teve a possibilidade de iniciar em um instrumento de cordas friccionadas é importante. Nesse âmbito, ilustro com as falas de Vitor e Alexandre:

No ano de 98, é... alguns amigos meus da rua que eu morava estava se deslocando para um determinado canto e eu perguntei para onde era e eles disseram que estavam indo para... fazer música e eu não entendi né, fazer música? Mas como assim? Não... é aqui na Casa da Cultura parece que tem aula de instrumento e eu acabei indo. Maria Vai com as outras. Acabei indo com eles quando a gente chegou lá, a gente se deparou com os instrumentos, violino, viola, violoncelo, contrabaixo. Daí então... eu comecei, na verdade ôôô... à primeira vista eu me encantei com o violoncelo, mas por [eu] ser muito pequeno acabei não, não, não ficando no instrumento, fiquei mesmo no violino, daí então iniciei os estudos em 98, e estou até hoje. (Vitor)

Então, de início eu nem conheci o violoncelo porque era... porque antigamente era fora da nossa realidade. E eu conhecia os meus amigos que faziam aula de violino e a aula era uma vez por semana, no sábado, que os professores vinham de Fortaleza passavam o sábado dando aqui aula coletiva para a gente, e aí eu vendo os meus amigos participando dessa aula eu me interessei. (Alexandre)

Por outro lado, também vi nos depoimentos a questão de iniciar num instrumento e depois mudar. No que se refere a uma mudança de instrumento e/ou almejar tocar um instrumento no início, temos tendências que se aproximam bastante por exemplo nas falas de Eliana, Karla e Lucas:

Primeiro? Eu comecei...eu não queria violino no começo, eu ia fazer...eu sabia, eu queria fazer alguma coisa de Música, a minha pretensão era fazer teclado quando eu descobri a Escola de Música. E aí quando eu fui na EM me matricular para teclado, não tinha pra teclado e aí que aconteceu de que tinha vaga pra violino e era um instrumento assim “Aí que instrumento legal!”. Todo mundo tem aquela imagem do violino, superestima o violino e tudo mais, e eu também tinha essa imagem do violino, então eu quis ir para o violino. E aí acabei fazendo violino e assim eu tive o meu primeiro contato com ele. (Eliana)

Ah... Eu era aluna da Escola de Música já, da parte de sopros e eu queria muito aprender um instrumento de cordas, eu era muito fascinada pelo contrabaixo, só que como na época eu era ainda muito nova, eu não tinha estatura e até hoje eu acho que não tenho nem corpo pra segurar um baixo que é muito grande [risos].

Então... foi indicado que eu fosse para o violoncelo, eu não conhecia, mas de cara eu gostei bastante por conta do timbre grave do instrumento. Então meu contato foi assim, na Escola de Música eu queria o contrabaixo, mas acabou que me foi indicado o cello e eu acabei realmente gostando, talvez é, hoje com certeza eu gosto bem mais de cello do que de contrabaixo. (Karla)

A viola? Eu comecei a fazer aula de violino em 2015, mas com a viola foi bem depois porque eu não conhecia a viola, conheci depois do violino, foi mais por necessidade da escola, porque foi uma prática de conjunto de violino e viola, como não tinha viola no conjunto que eu participava aí me fizeram o convite pra tocar viola e eu aceitei, aí foi quando eu comecei a conhecer melhor o instrumento e gostei e comecei a praticar mais do que o violino que eu já praticava. (Lucas)

O contato com o instrumento é, de forma geral, algo bastante individual, principalmente no que se diz respeito à motivação naquele momento presente, onde cada participante pensou, sentiu e realizou a possibilidade de estudar/tocar o instrumento. Cito um exemplo de um participante que comparado aos outros teve um contato diferente, pelo que percebi na sua fala.

Bem, a princípio eu nunca tinha visto um instrumento antes de eu ir pra Escola de Música, eu encontrei o violoncelo através de alguns vídeos e tal e eu gostei demais do som, achei que ele ia do grave pro agudo tipo... numa estranheza muito legal, numa complexidade assim. (Marcos)

Uma percepção bastante considerável para citar no trabalho é que a Escola de Música de Sobral teve um papel fundamental como difusor e como espaço para a possibilidade de aprender o instrumento, principalmente os participantes-estudantes. Na fala de Wesley, fica claro que ele já inserido no ambiente da escola e por meio da influência de um professor de outro instrumento, deu-se pelo seu envolvimento no de cordas friccionadas, o contrabaixo:

É... o meu contato com o instrumento (foi) através de um professor de violão quando eu ainda estudava na Escola de Música, o professor se chamava Carlos e ele tocava contrabaixo acústico, além de ensinar violão. Aí ele sempre convidava a gente para assistir as apresentações da orquestra, ele tocava na época na Orquestra Jovem de Sobral, era uma orquestra da Escola de Música. Aí eu sempre via ele tocando e tal, achava muito legal e após eu terminar os meus estudos no violão, eu comecei com o baixo elétrico e quando eu comecei

com o baixo elétrico eu fiquei muito interessado pelo baixo acústico, por conta que eu já tinha visto o professor tocar. Eu achava legal e já tinha começado no baixo elétrico, aí tive a ideia: vou começar a tocar o baixo acústico também, esse foi o contato... (Wesley)

A relação criada com o instrumento e com a música traz bastante o lado sentimental vinculado a estas experiências, desde o momento que você escolhe o instrumento e passa a estar com ele de uma forma mais íntima descobrindo um leque de possibilidades, de desafios, de conexões e de vivências diversas. A fala de Vitor também ilustra isso:

Assim, ser instrumentista...assim... acima de tudo é... é lutar, sabe!? É uma, uma... além da sensação ser maravilhosa, de você tocar um instrumento, principalmente esses instrumentos dito eruditos: violino, viola, violoncelo, contrabaixo. (Vitor)

Ao longo do que foi visto sobre esta categoria as principais percepções e reflexões resultantes foram relacionadas à possibilidade de tocar um instrumento de cordas friccionadas, derivando do despertar que foi dado num específico momento contado nas entrevistas, seja através da influência de amigos, da curiosidade sem intenção de participar, da possibilidade de ter somente tal instrumento para começar a estudar música. Além disso, no caso específico de Sobral até a data, a Escola de Música municipal joga um papel muito importante para o contato com as cordas friccionadas, pois foi a primeira antes do curso de graduação da UFC ser criado. Depois de entender os processos de contato inicial, vejamos quais experiências os participantes atribuem como marcantes na sua vivência musical.

4.2 Experiências Marcantes

Ao ver todas as entrevistas de maneira vertical, notei que as experiências marcantes para os participantes geralmente são vinculadas com três aspectos: o tocar em conjunto, o de participar/apresentar-se em eventos, e o vínculo com o instrumento e a música. Tais aspectos serão discorridos com maior profundidade a seguir.

Sobre o primeiro aspecto, tocar em conjunto e/ou participar de um conjunto orquestral ou de cordas friccionadas são questões vistas nas experiências compartilhadas pelos participantes da pesquisa. Para Karla era algo muito distante e que hoje, como ela própria frisa na sua fala, "fazendo parte", deixa clara a relevância e a significância de ser

participante de uma orquestra, assim como ser violoncelista. Já para Marcos, ele evidencia a parte de sentir artista ao estar no palco, ter uma visão diferenciada do público e ter esta satisfação de expor o seu trabalho, ou seja, a sua arte musical através do instrumento inserido num conjunto musical. Vejamos abaixo:

(...) esse ambiente da orquestra foi muito marcante porquê... meu contato com orquestra era uma coisa muito distante antes do violoncelo, é uma coisa que a gente via em internet e que era uma coisa que eu via né? Então quando eu fui pro violoncelo, eu pude **me ver dentro, fazendo parte** (grifo meu), então isso pra mim foi muito marcante e foi uma coisa que teve significado absoluto pra mim porque hoje eu não me imagino fora do ambiente de orquestra e é muito legal, foi assim... muito incrível pra mim! (Karla)

Uma experiência que marcou bastante foi eu ter me apresentado lá no teatro por causa que... é... a gente sempre ouvia falar né devido a história do teatro São João, de muitas pessoas já ter passado por lá e quando eu tava lá na frente era como se eu me visse me assistindo, há um tempo atrás e aquela experiência, aquela coisa de poder ter aquela visão do público diferente, sabe!? De poder mostrar a sua arte, ter alguém apreciando e isso foi...me marcou muito. (Marcos)

No total das entrevistas, noto que o tocar em orquestra e/ou em grupo traz aspectos de segurança, autoconfiança e autoestima, em que sentimos satisfação em mostrar nosso trabalho, a realização pessoal e de espírito e não menos importante as horas e dias de estudo do instrumento e ensaios. Ainda sobre o tocar em conjunto, mudando o foco para a realização pessoal em específico ao se sentir motivado por estar em um grupo, a ênfase de participar de um conjunto orquestral trazendo questões sentimental, profissional e artístico, como pode ser visto na fala de Alexandre

Ah, essa questão da orquestra! Hoje em dia eu toco numa orquestra da UECE, a Osuece, e aí eu me realizo bastante lá na orquestra. Nós fizemos um concerto agora, há poucos dias que foi temas de filmes sabe!? Então, eu me realizo tocando em orquestra, eu gosto de tocar, então a realização é essa, é a questão de orquestra. (Alexandre)

A participação em uma orquestra vai muito além do somente sentar-se, afinar e seguir uma sequência de repertório, há uma conexão com o momento, com os colegas, com o(a) parceiro(a) de naipe, com o(a) maestro (maestrina), com você mesmo e com o

próprio instrumento. Também existem questões relacionadas aos desafios encontrados numa música em específico, a concentração, o olhar, a escuta, o som, o sentimento e principalmente o que há dentro de nós, musicistas e músicos. Em outras palavras, tocar em conjunto não é puramente tocar notas, mas sim conectar-se com si mesmo e com os outros para produzir música.

Mudando o foco para o significado de apresentar-se, eu creio que existem expressões sentimentais que são validadas muito na sensação de mostrar nosso trabalho musical/instrumental, o fazer parte de uma apresentação, o ritual que esse ato traz e a empolgação de tocar peças de gosto do(da) instrumentista. Isso já pode ser vislumbrado nos depoimentos anteriores, mas é muito claro na fala de Sâmia.

Uma das apresentações que mais me marcou foi uma tocada que a gente fez na abertura do festival de cinemas, é... justamente por conta que foi tem de filmes que eu gosto muito, então foi muito interessante para mim, foi muito empolgante tocar aqueles temas. (Sâmia)

A apresentação não é somente o apresentar-se, existe algo por trás. É como se existisse todo um percurso para ela acontecer, para ela existir. Falo aqui somente do sentido mais musical, artístico, instrumental e humano, em que musicistas e músicos se preparam, as ideias e sentimentos que carregam junto com a apresentação, toda expectativa dos atuantes (instrumentistas) e público.

Refletindo sobre a minha própria vivência ao ler as experiências dos participantes desta pesquisa, percebi que tocar em orquestra e apresentar-se são dois aspectos que se relacionam bastante. Nenhuma orquestra ou grupo musical ensaia pelo simples fato de ensaiar, eles sempre têm por objetivo maior a mostra artístico-musical por meio de nós músicos e musicistas, transmitir a mensagem musical ao público, já seja com o propósito de entretenimento, de fazer artístico, de saúde ou qualquer outro.

A partir disso, as reflexões me trouxeram construções particulares de cada participante com base nas suas falas. É bastante significativo para esta pesquisa levar em consideração não só o perfil musical/instrumental deles, mas também o humano. Chamou-me bastante atenção as palavras de uma participante afirmando o auxílio emocional que a música, o estudo e tocar o instrumento a proporcionaram, trazendo conexões de expansão para a vida de uma forma em geral. Na fala de Eliana, isso se evidencia de maneira bastante clara:

e quando eu comecei a fazer violino, eu meio que comecei a criar a artista dentro de mim, a querer se mostrar (grifo meu) que isso é uma coisa do artista, na minha concepção, querer mostrar o que sabe fazer e meio que quando eu fui melhorando a tocar e tudo eu melhorei mais nessa minha questão comunicativa, **aí eu tive essa vontade mais de me abrir pro mundo** (grifo meu) e tudo mais, virei mais comunicativa. (Eliana)

As experiências marcantes evidenciaram muitas percepções de acordo com os argumentos dos participantes, em que os pontos como: o sentido de estar fazendo parte de um conjunto musical de cordas; o significado de tocar peças em específico; a visão de si mesmo em um palco/teatro inserido num conjunto; a própria realização pessoal por estar numa orquestra; a abertura humana que a música/instrumento trouxe, carregando assim, a marca das suas experiências mais significativas.

4.3 Percepções sobre vivências em solo e em conjunto

Ao me debruçar sobre as falas relacionadas às vivências musicais em solo e em conjunto, percebi tendências de uma maior relação com a forma coletiva de tocar. Isso provavelmente devido aos participantes estarem inseridos em algum conjunto musical e/ou orquestra. Sobre isso, trago trechos das palavras dos participantes, entre semelhanças e diferenças, no que se diz a experiência em si de cada, mas pautando a tendência de um relacionamento maior com o conjunto e ao mesmo tempo trazendo reflexões particulares deles sobre esse individual ser algo importante para o coletivo. Dou início com a fala de Marcos:

Trabalhar em conjunto é sempre um desafio, por causa que você tem que se policiar, para você não errar. E também se policiar pra que os erros dos outros não atrapalhe o seu e eu acho muito interessante isso... (Marcos)

Agora trago trechos falando sobre a facilidade que alguns têm em participar mais em conjunto, de se sentirem mais seguros, a questão de saber lidar com as divergências dando possibilidade de crescimento e expansão de horizontes por meio do envolvimento em um conjunto de cordas. Para ilustrar o anterior, exponho trechos das entrevistas:

Em conjunto... eu acho que consigo me dar muito bem, eu acho que consigo me dar muito bem. Agora em solo é mais a questão de insegurança, mas eu estou

tentando trabalhar isso começando a tocar só nos lugares, na aula mesmo.
(Natália)

Ahn... quanto ao tocar violoncelo solo, eu ainda não, não tive isso. Mas é um desafio que eu estou me propondo também, aos poucos eu estou querendo fazer, porque eu acho importante né. Ahn... agora em grupo é... é muito bom porque obviamente você tem a parte que diverge, que são pessoas e pessoas são difíceis e ponto né!?, não tem pra onde correr, mas tem me ajudado a crescer muito.
(Karla)

Eu acho que tocar em conjunto é importante para a pessoa desenvolver, desenvolver certas habilidades. Quando você estuda só pra tocar certos tipos de música, você não consegue ter isso tocando sozinho, a prática em conjunto ela expande o conhecimento que o músico tem para vários horizontes. (Emanuel)

Destaco também numa fala que considero de uma certa maturidade, um pequeno trecho logo abaixo, sobre a ideia do estudo individual em si, das horas e estudos diários e que reverbera no contexto coletivo, em que nós musicistas e músicos exercemos o papel individual enquanto instrumentista de dedicação para com o instrumento e consequentemente oportunizando de melhor forma a inserção em um conjunto, assim como, se desenvolvendo e crescendo dentro nele.

Sem o individual, você jamais chegará a coletivo... (Vitor)

Através das conversas com os participantes, eles trouxeram abordagens e percepções particulares em relação a essas vivências em conjunto e em solo, transparecendo o caminhar do individual com o coletivo. Para eles, estes dois tem seus princípios de acordo com que eles viveram/experienciaram, no entanto, não deixando de pautar a importância de ambos e incluindo o crescimento e desafios dentro do contexto destes dois aspectos (solo e conjunto).

4.4 Percepções sob a visão dos entrevistados do motivo de participação na pesquisa

Nesta seção, discorro sobre as principais percepções em relação ao significado que os participantes dão ao motivo do convite para participar da pesquisa. Essa questão se gestou durante a definição metodológica como uma pergunta que aportaria mais informações e *insights* sobre os outros pontos. Entretanto, demonstrou-se nas suas falas que as respostas giravam em torno não só do instrumento musical em si, mas a relação pessoal entre participante e pesquisadora. De maneira geral, as respostas dão conta sobre o vínculo e a proximidade que as vivências instrumentais propiciaram, além da minha relação de amizade com eles, a presença nos mesmos espaços, grupos e as vivências semelhantes dentro do contexto de cordas friccionadas. Vejamos alguns testemunhos dos professores que participaram deste estudo:

Por que eu acredito!? Acima de tudo porque eu acredito na Música né!? E se você está aqui é porque você tem a mesma crença né!? A gente se conhece há um tempo, você vê em mim alguma verdade digamos assim em relação a Música, então isso pra mim é gratificante. Você de uma certa forma é segunda pessoa que me procura pra um trabalho como esse e isso pra mim é muito significativo né!? E...me dá bastante energia pra continuar, a lutar, a seguir essa vida, que apesar de não ser fácil, não é fácil pra ninguém, mas ela é muito, muito, muito gratificante e assim....A Música ela, ela muda e molda as pessoas de uma forma incrível sabe!? Eu acredito muito no poder da transformação da Música...
(Vitor)

então assim eu acredito que contribuí um pouco para sua formação, sabe!? E eu fico muito feliz né em ver a Rayane aqui na escola é... já foi nossa colega de trabalho, então é isso é a contribuição mesmo para formação. (Alexandre)

O significado em poder contribuir para a pesquisa é bem valoroso para Vitor, que também destaca o fato de já nos conhecermos e de compartilharmos da mesma crença, que é poder transformador da música. Por outro lado, Alexandre argumenta sobre a sua participação de um modo geral na contribuição enquanto construção da minha formação violística, assim como, de compartilharmos das mesmas experiências e vivências durante alguns anos em conjuntos de cordas, quartetos e no próprio ambiente da Escola de Música de Sobral. As palavras dos dois professores propiciam reflexões de uma relação de aluno e professor frutífera, pelo fato deles terem acompanhado meu envolvimento e desenvolvimento no instrumento (viola), além de terem sido incentivadores, e também das inúmeras vivências em apresentações e conjuntos de cordas que tivemos em comum,

com isso atribuí o significado pessoal em participarem na pesquisa.

Já nas perspectivas dos estudantes, também percebi nas suas falas uma aproximação no que foi dito pelos professores acima. Para Karla, está relacionado ao contato criado na frequência dos mesmos espaços (EMS e UFC), assim como, a participação nos mesmos grupos de cordas. Também cita o conhecimento que tenho sobre o trabalho dela, despertando a confiança de convidá-la para participar desta pesquisa. Para Sâmia, percebi na sua fala a questão da parceria que criamos (o que gerou intimidade), pois já fomos parceiras de estante, em grupos em comum e apresentações.

Eu acho que é por conta da gente se conhecer há algum tempo e de tu saber que toco cello e tal, porque a gente, eu acho que te conheci assim que tu entrou no curso porque tu era também da Escola de Música, então a gente se encontrava muito mais lá do que aqui. Hoje é o contrário, a gente se encontra mais aqui do que lá [risos] a gente está mais dentro da universidade do que dentro da escola. Ahn... mas eu acho que foi por isso e acredito que por confiança no trabalho que a gente tem, como a gente toca junta dentro da orquestra, eu conheço o teu trabalho, tu conhece o meu, então eu acho que isso tem uma confiança pra questão do convite. (Karla)

Acho que por causa que eu sou, toco instrumento de cordas friccionadas [risos], acho que é por conta disso, né não!? Sei lá e também, sei lá a questão de ter intimidade comigo. (Sâmia)

Por outro lado, desvinculando-se da amizade e cumplicidade, há outras falas sobre as experiências musicais. Na fala de Eliana, sua suposição em escolhê-la pelo fato da bagagem musical de cada um, nas histórias que cada um pode contribuir. Já para Wesley, ele aborda o fato da sua própria experiência considerável, estando apto em contribuir com o trabalho. Por outro lado, Emanuel cita sobre nosso convívio em um mesmo grupo, como colegas de orquestra. Marcos traz o fato de termos estudado na EMS, por estarmos no mesmo curso de graduação e as vivências semelhantes. Listo abaixo as próprias falas dos mesmos sobre isto:

Eu acho que você tá entrevistando vários instrumentistas e... talvez na sua concepção você está escolhendo instrumentistas que você acha que tem muita bagagem, bagagem independente de ser iniciante ou coisa assim. Mas... coisas que viveu, exatamente, tipo antes de começar o instrumento, que tenham boas histórias, não só boas histórias, mas tenha várias histórias sobre a relação dele

com a música. (Eliana)

Porque...eu acho, pela gente ter esse convívio de tocar junto em orquestra e tu vê que todo vivencia esse ambiente, tipo você estuda só, mas no final de tudo vai acabar tocando junto. (Emanuel)

Eu realmente não esperava, não sei, eu acho que...por conta que eu sou filho da Escola de Música né, você também é. Estou aqui junto contigo fazendo a mesma faculdade, eu acho que foi por isso. Uma pessoa que viveu mais ou menos as mesmas coisas. (Marcos)

Por fim, há falas sobre a vivência na área e um conhecimento do trabalho de cada um. Sob a perspectiva de Lucas, ele aponta sobre a questão de eu o ter acompanhado seu início na viola, ter visto o seu interesse no instrumento, sua vontade de aprender e ter se identificado com a viola. Para Natália, de uma forma mais simples, ela cita por estar relacionada a área das cordas friccionadas e por isso se deu este convite.

Eu acredito que seja por ser, está relacionada com as cordas friccionadas, não sei, ou por estar relacionado a Música, instrumento, relacionado a Música acho que é por aí. (Natália)

Acredito que o fator afetivo se transpareceu na fala da maioria, aonde a relação criada entre entrevistados e entrevistadora teve uma base sólida para que eles trouxessem suas contribuições através das suas experiências enquanto instrumentistas e tudo mais que os cercam dentro do contexto da família das cordas friccionadas. Por outro lado, a competência na área, a base das vivências, os espaços de estudo que costumavam frequentar e sob minhas próprias observações e conhecimento sobre eles também tiveram seus grandes significados para tal categoria.

5. Considerações Finais

As reflexões geradas através da construção deste trabalho sobre as experiências e vivências de discentes e docentes de cordas friccionadas da cidade de Sobral - CE, onde foi possível de forma básica analisar e conhecer os perfis dos mesmos a partir das suas falas, assim como, as etapas de suas trajetórias desde o contato com o instrumento até as principais experiências artísticas, individuais e coletivas vividas por meio do mesmo.

A metodologia como base utilizou a pesquisa qualitativa baseada em entrevistas semiestruturadas, permitindo e admitindo as subjetividades dos participantes e da autora do trabalho. Por meio dos diálogos transcorridos – que foram organizados em quatro categorias: Contato com o Instrumento, Experiências Marcantes, Percepções sobre as vivências em solo e em conjunto, e Percepções sob a visão dos entrevistados do motivo de participação na pesquisa – foi possível compreender suas principais visões relacionadas ao instrumento e suas vivências juntamente com ele.

A primeira categoria abordou o despertar do interesse pelo instrumento e/ou a justificativa de escolha dele, compreendendo as principais características que comportaram estas escolhas, tais como: influência de amigos; estar inserido em um espaço musical facilitando o acesso ao instrumento; o interesse inicial por um instrumento de outra família. A partir disto, obteve uma compreensão sobre os percursos distintos do contato com o instrumento por cada, bem como, analisando tendências e particularidades entre os participantes.

A segunda gerou uma análise sobre os principais aspectos dentro das experiências marcantes que foram o tocar em conjunto, o de participar/apresentar-se em eventos, e o vínculo com o instrumento e a música, abordando fatores sentimentais, emocionais e de realização pessoais. A partir deste ponto foi possível perceber questões relacionadas as suas principais experiências e o recebimento/incorporação delas segundo a perspectiva dos sujeitos da pesquisa.

Na terceira trouxe aspectos sobre as percepções deles sobre vivências em solo e em conjunto, expondo reflexões geradas em relação a pontos citados como a segurança de tocar em conjunto, o crescimentos artísticos dentro de um grupo, o desafio humano nas relações com colegas inserido no contexto orquestral, a responsabilidade no que se diz ao individual e a necessidade do mesmo para se chegar no coletivo..

Já a quarta mostrou uma parte bastante afetuosa da pesquisa em que os sujeitos descrevem suas principais visões sobre o motivo de participação no trabalho, carregando características sobre a relação entre pesquisados e pesquisadora, proximidade nos mesmos espaços, grupos e vivências e algumas particularidades.

O trabalho também aporta questões dentro da Educação Musical, em que as possibilidades de pesquisar sobre trajetórias e experiências no campo da Música aponta aspectos direcionados a formação musical dos participantes, mesmo não sendo o foco da pesquisa, mas sendo possível gerar reflexões sobre tal e possivelmente gerando no futuro mais aprofundamento dentro de um contexto maior. Esse pensamento encontra ecos no trabalho de Anjos (2015):

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social. As subjetividades exprimidas são confrontadas à sua frequente inadequação a uma compreensão liberadora de criatividade em nossos contextos em mutação[...] (JOSSO, 2007, p.02 *apud* ANJOS, 2015, p.32)

Tal pesquisa possibilita a exposição de dados relacionadas ao contexto de músicos e musicistas, estudantes e professores da família das cordas friccionadas de um lugar em específico, podendo ser construído em dimensões diferentes (cidade, estado, escola, universidade), como foi o caso desta com uma pequena amostra dentro de uma cidade e com isso, traçando as trajetórias de formação dos sujeitos e tudo o que compõe esses caminhos a partir do que interessa o(a) pesquisador(a).

Por fim, esta construção permitiu refletir e compreender não só sobre os caminhos dos colegas participantes, mas também rememorar minhas próprias experiências e me enxergar nas falas deles. A importância durante toda a construção deste trabalho, viabilizou aprender sobre persistência, enxergar minhas próprias individualidades, validá-las e seguir adiante.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Francisco Weber dos. **Trajetórias Musicais e Caminhos de Formação: A Constituição do *Habitus* Docente de Três Músicos Educadores da Região do Cariri e suas experiências no curso de Música da UFCA.** Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.
- BORNE, Leonardo da Silveira. **La Evaluación Del Solfeo en Contextos Universitarios Brasileños: Um Estudio Multicaso.** Tese (Doutorado em Educação Musical), Programa de Mestrado e Doutorado em Música, Universidade Nacional Autônoma do México, Cidade do México, 2017.
- DEL BEN, Luciana Marta. **Concepções e Ações de Educação Musical Escolar: Três Estudos de Caso.** Tese (Doutorado em Música), Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- MAFFIOLETTI, Leda; ABRAHÃO, M. Helena Menna Barreto. **Significações acerca de si mesmo por meio de narrativas sobre a experiência musical.** Currículo sem Fronteiras, v.16, n.1, p.42-58, jan./abr.2016
- MATOS FILHO, José Brasil de. **Escola de Música de Sobral: análise de um processo de formação não-intencional de educadores musicais.** Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
- MEIRINHOS, Manuel; OSÓRIO, Antônio. **O estudo de caso como estratégia de investigação em educação.** EDUSER: revista de educação, vol. 2(2), p.49-65.2010.
- MONTANDON, Maria Isabel. **Perguntas que respondem: preparando o entrevistador para a pesquisa qualitativa.** XVIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação (ANPPOM), p.341-343. Salvador. 2008.
- TORRES, Maria Cecília. **Identidades Musicais e Narrativas de si: um estudo com alunas da Pedagogia – Em Pauta – v.14, n.23, p. 91 -120, dez. 2003.**
- VIEIRA, Alexandre. **Trajetórias Formativas Profissionais em Música: um estudo com estudantes do Curso Técnico em Instrumento Musical do Instituto Federal de**

Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará *campus* Fortaleza. Tese (Doutorado em Música), Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso:** planejamento e métodos – 2ed. – Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICES

Transcrições - Entrevistas

Entrevista 01_Vitor (docente)

1. Conta pra mim como foi seu contato com o instrumento

R: No ano de 98, é... alguns amigos meus né!? da rua que eu morava estava se deslocando pra um determinado canto e eu perguntei pra onde era e eles disseram que tavam indo pra... fazer música e eu não entendi né!? fazer música?, mas como assim? Não, é aqui na Casa da Cultura parece que tem aula de instrumento e eu acabei indo Maria Vai com as outras, acabei indo com eles quando a gente chegou lá a gente se deparou com os instrumentos né, violino, viola, violoncelo, contrabaixo e... daí então...eu comecei, na verdade ôôô... à primeira vista eu me encantei com o violoncelo, mas por ser muito pequeno acabei não, não, não ficando no instrumento, fiquei mesmo no violino, daí então iniciei os estudos em 98, e tô até hoje.

2. Com que idade você iniciou nele?

R: Pronto, eu iniciei com 14 anos.

3. Fala pra mim sobre as experiências que marcaram relacionadas ao seu instrumento e o significado delas pra ti

R: Assim. Acho que a primeira mesmo foi quando eu comecei a trabalhar com Música né, quando a Música passou a ser meu...meu meio de vida né, passei a viver totalmente de música, que é o acontece hoje que foi quando eu completei 18 anos, comecei a trabalhar na cidade de Jijoca..... e lá juntamente com o Maestro Paraguai e o colega João Paulo Garantizado nós de certa forma implantamos né!? o curso de cordas friccionadas lá, que já existia né!? Já havia algumas aulas, mas a gente que implantou a orquestra, inclusive a gente chegou receber junto ao prefeito o selo Unicef na época, a cidade foi premiada e a gente fez apresentação, então aquilo ali pra mim foi a minha primeira maior conquista né, aos 18 anos viver do que eu tava vivendo que era da Música e viver daquilo que por sinal era, era... financeiramente era muito bacana né e tá trabalhando numa cidade que nem Jijoca de Jericoacoara, uma cidade turística, de passar várias pessoas por ali e a gente tava lá todo final de semana fazendo música né e a gente também participava do momento histórico da cidade por ter recebido esse selo né e a gente tá lá é.. fazendo apresentação pra população, (toque de celular) muito importante.

4. O que é pra você hoje, com as suas experiências, vivências, particularidades ser um instrumentista?

R: Assim, ser instrumentista...assim... acima de tudo é... é lutar, sabe!? É uma, uma...além da sensação ser maravilhosa, de vc tocar um instrumento, principalmente esses

instrumentos dito eruditos, violino, viola, violoncelo, contrabaixo, é...eu costumo dizer que... ser instrumentista e viver disso são duas artes né, uma arte é a arte de tocar o instrumento e outra arte é arte de viver de tocar esse instrumento, na situação que nós vivemos, na nossa cidade, uma cidade, o nosso estado de certa forma é um pouco isolada do meio musical o qual a gente, a gente é... estuda que é o meio erudito né, nosso estado infelizmente não tem uma orquestra sinfônica que possa até mesmo a dá uma certa visão de futuro pra os estudantes né, a única orquestra que tinha no estado que é a Eleazar de Carvalho já tá um bom tempo paralisada, então vários músicos é... de uma certa forma estão tentando sobreviver de outras formas, inclusive indo embora para outros estados, até mesmo pro exterior e assim, ser instrumentista cara, é...eu acho que encontrar a palavra é um negócio meio difícil né pra você dizer o que é, realmente. Só, só vivenciando, só você mesmo é... estando no corpo né!? de quem faz isso, mas acima de tudo é uma, é uma felicidade impagável.

5. Você utiliza o seu instrumento como forma de trabalho? De que forma?

R: Pronto. A Música né!? ela me dá um leque de opções de trabalho gigantesca, cabe nós músicos enxergar isso né!? então a gente pode trabalhar, no caso do violino, pode lecionar, você pode ser professor, você pode ser um concertista, você pode ser..tocar na noite, tocar em casamento que é o meu caso né!?, então..tenho um quarteto de cordas e muitas outras formas de você viver né!? Eu utilizo o meu como professor da Escola de Música de Sobral, tenho um empresa de Eventos A Musicarte Eventos, o quarteto de cordas também, o quarteto Musicarte, toco com outras pessoas também que me convidam pra tocar, recebo convite de orquestra, já toquei na Orquestra Filarmônica do Ceará, toquei na Sinfônica da Uece na época que toquei era Orquestra Contemporânea do Ceará, já fiz participação com a Eleazár de Carvalho, então são uma das formas que eu utilizo o violino pra viver.

6. Comenta sobre as suas vivências em conjunto e em solo.

R: Acho que as vivências, elas, elas...são mutáveis né, elas são modificáveis, dependendo do nível que você se encontra, dependendo da maneira como você lida com o instrumento né. Ahhhh...Uma das primeiras foi aí mesmo, aqui em Sobral, que na época era Orquestra Infanto Juvenil né!? Em 98, que apesar de ser muito jovem né!? 14, 15 anos de idade foi pra mim e é a época mais marcante onde a gente passou a descobrir esse universo musical e poder passar pras pessoas é...um pouco do que a gente sentia ao tocar o instrumento, então é...a minha vivência digamos que eu acho assim das mais marcantes foi nesse tempo e depois quando você passa a um nível profissional, quando você vai tocar numa grande sinfônica e você vai tocar peças que você, que você só ouvia tocar, sei lá, num CD ou na internet e... e conhecer solistas, pessoas que vinham de fora, outros regentes, outros músicos de alto nível que você ia compartilhar com eles, sei lá, você adquirir conhecimento, conversar, ter aula com ele, isso é muito bacana. A questão da vivência individual é... ela tá desde o estudo né!? Quando você senta diariamente pra você ter o contato com o instrumento, onde é o momento de construção da sua vida, da sua carreira musical, independente do instrumento, é o...é a base de tudo, é o mais importante, né sem essa...sem o individual você jamais chegará ao coletivo, essa, isso que acontece, você precisa muito né da sua dedicação individual, porque ela vai influenciar, e ela vai é... de certa forma se caso você se torne um instrumentista digamos competente venha contribuir

né com os demais. Eu vejo dessa forma, eu tento me dedicar ao máximo diariamente com o meu instrumento pra que eu me mantenha sempre ativo, pra que eu possa passar uma música de qualidade pras pessoas, pra que eu consiga passar uma aula é..digna pras pessoas que me confiam né, que acima de tudo a pessoa que vem ter aula com você, vem confiando em você, o professor pode construir, mas também ele pode destruir uma pessoa, uma carreira, um artista, então.. eu vejo dessa forma.

7. Conta pra mim por que você acredita que eu lhe convidei pra participar desta pesquisa

R: Por que eu acredito!? Acima de tudo porque eu acredito na Música né!? E se você está aqui é porque você tem a mesma crença né!? A gente se conhece há um tempo, você vê em mim alguma verdade digamos assim em relação a Música, então isso pra mim é gratificante. Você de uma certa forma é segunda pessoa que me procura pra um trabalho como esse e isso pra mim é muito significativo né!? E...me dá bastante energia pra continuar, a lutar, a seguir essa vida, que apesar de não ser fácil, não é fácil pra ninguém, mas ela é muito, muito, muito gratificante e assim a.. a.. a Música ela, ela muda e molda as pessoas de uma forma incrível sabe!? Eu acredito muito no poder da transformação da Música, eu tenho aqui muito exemplos de alunos que chegaram aqui sem ideia nenhuma de Música e hoje vivem de Música né, estudam Música na Universidade. Então, essa...de você ter vindo aqui tem muito a vê isso, porque você também de uma certa forma vivencia isso, você enxerga isso, você reconhece, então isso, isso é muito bacana...

Entrevista 02_Alexandre (docente)

1. Contra pra mim como foi seu contato com o instrumento

R: Então, de início eu nem conheci o violoncelo né, porque era, porque antigamente era fora da nossa realidade e eu conhecia os meus amigos que faziam aula de violino e a aula era uma vez por semana, no sábado, que os professores vinham de Fortaleza passavam o sábado dando aqui aula coletiva pra gente e aí eu vendo os meus amigos participando dessa aula eu me interessei, só que eu não queria violino eu nem sabia o nome do instrumento, aí eu falava assim “eu quero aquele violino que toca sentado”, só que só tinha duas vagas pra violoncelo e aí a professora já tinha uns dois alunos e aí eu iniciei no violino só que aí não era o que eu queria, aí logo desisti né, o professor muito exigente e tudo, aí eu desisti aí passou um tempo, aí eu falei com a professora novamente aí foi aonde ela me aceitou, aí foi quando eu comecei a estudar violoncelo.

2. Com que idade você iniciou nele?

R: Acho que foi 16 anos, 16 pra 17.

3. Fala pra mim sobre as experiências que marcaram relacionadas ao seu instrumento e o significado delas pra ti

R: É..as experiências, a questão da orquestra né, quando eu comecei eu tinha um sonho de tocar na orquestra e aí ela selecionava pra tocar na orquestra os melhores alunos né, aí foi onde eu comecei a tocar e era o que eu realmente sabe!? Eu queria muito, eu queria muito ir embora, morar fora. Ah, essa questão da orquestra, hoje em dia eu toco numa orquestra da Uece, a Osuece, e aí eu me realizo bastante lá na orquestra nós fizemos um concerto agora, há, há poucos dias que foi temas de filme sabe!? Então, eu me realizo tocando em orquestra, eu gosto de tocar, então a realização é essa, é a questão da orquestra mesmo.

4. O que é pra você hoje, com as suas experiências, vivências, particularidades ser um instrumentista?

R: Então...pra gente instrumentista aqui na nossa cidade né, é muito difícil, porque não tem muito campo, não tem muita área né, não tem muito trabalho e são instrumentos que requer muitas dedicação né, a gente tem que estudar bastante e aí a gente não consegue ver o retorno, mas a minha satisfação é poder passar o meu conhecimento, o que eu aprendi para os meus alunos, eu vendo eles felizes né!? Isso aí me realiza completamente.

5. Você utiliza o seu instrumento como forma de trabalho? De que forma?

R: Então.. claro que eu utilizo né, é minha ferramenta de trabalho hoje em dia e como utilizo é a forma de oportunizar né, dá oportunidade aos alunos que queiram conhecer e daí se eles vão seguir carreira ou não, isso aí depende deles, isso aí é muito difícil na nossa cidade, não tem um apoio devido sabe, para os alunos, mas eu tento motivá-los de qualquer forma, de incentivá-los.

6. Comenta sobre as suas vivências em conjunto e em solo.

R: Conjunto, a questão da orquestra né, a participação em orquestra que eu participo, as vivências são maravilhosas, eu aprendo bastante(foi bem enfático), a questão da orquestra, não é a toa que eu vou lá pra Fortaleza e eu ganho uma bolsa de 300,00 e eu basicamente eu gasto essa bolsa num final de semana e quando eu vou pros outros finais de semana é tipo do meu bolso, mas eu vou pra aprender, então essa parte né do coletivo a gente aprender muito na orquestra, participação de orquestra. E a questão solística, eu sou mais músico de orquestra, eu gosto mais de participar da orquestra, da continuidade, a questão solística hoje em dia eu não foco muito, o meu foco mais é em orquestra.

7. Conta pra mim por que você acredita que eu lhe convidei pra participar desta pesquisa

R: Eu acredito porque você já foi uma aluna da escola, você sabe da nossa realidade, já enchi muito seu saco (risos), você mesmo diz “Ai Alexandre hoje não, pelo amor de Deus”, então assim eu acredito que contribuí um pouco pra sua formação, sabe!? E eu fico muito feliz né em ver a Rayane aqui na escola é.. já foi nossa colega de trabalho, então é isso é a contribuição mesmo pra formação.

Entrevista 03_Karla (estudante)

1. Conta pra mim como foi seu contato com o instrumento

R: ã... Eu era aluna da Escola de Música já, né da parte de sopros e eu queria muito aprender um instrumento de cordas, eu era muito fascinada pelo contrabaixo, só que como na época eu era ainda muito nova, eu não tinha estatura e até hoje eu acho que não tenho nem corpo pra segurar um baixo que é muito grande né (risos, então...foi indicado que eu fosse pro violoncelo, eu não conhecia, mas de cara eu gostei bastante por conta do timbre grave do instrumento né, então meu contato foi assim, na Escola de Música eu queria o contrabaixo, mas acabou que me foi indicado o cello e eu acabei realmente gostando, talvez é..hoje com certeza eu gosto bem mais de cello do que de contrabaixo.

2. Com que idade você iniciou nele?

R: Eu não lembro, mas...eu devia ter uns 14, 15 anos quando eu tive o contato com o violoncelo.

3. Fala pra mim sobre as experiências que marcaram relacionadas ao seu instrumento e o significado delas pra ti

R: ã..do cello! Acho que foi a participação na orquestra, o..o..esse ambiente da orquestra foi muito marcante porque..meu contato com orquestra era uma coisa muito distante antes do violoncelo, é uma coisa que a gente vê na televisão, a gente via em internet e que era uma coisa que eu vivia né, então quando eu fui pro violoncelo eu pude me vê dentro, fazendo parte. Então isso pra mim foi muito marcante e foi uma coisa que teve significado absoluto pra mim porque hoje eu não me imagino fora do ambiente de orquestra e é muito legal, foi assim muito incrível pra mim.

4. O que é pra você hoje, com as suas experiências, vivências, particularidades ser um instrumentista?

R: É um pouco de certa forma até de resistência, aí eu tô falando da minha vivência por conta de ser militante feminista, porque é um ambiente muito masculino ainda, sabe..se você pegar a história do violoncelo até um tempo atrás, mulheres não tocavam, então pra mim está tocando violoncelo é uma coisa muito importante e eu ter um incentivo...toda vez que eu vejo uma mulher tocando violoncelo, converso, tento puxar assunto, incentivar justamente por isso né, é muito importante né, porque... é um meio a muito masculino ainda, infelizmente. Então... é... e têm poucas mulheres, isso é notável, até mesmo, e se você realmente falar em professores de violoncelo, você vai ter uma quantidade muito maior de homens do que de mulheres, então eu quero, a minha intenção é em me formar instrumentista né, professora pra que eu consiga formar cada vez mais, incentivar cada vez mais mulheres, principalmente a serem nesse ambiente.

5. Você utiliza o seu instrumento como forma de trabalho? De que forma?

R: ã... o cello hoje, até um tempo atrás eu fazia com o violoncelo muito cerimonial, casamento, aniversário, festa de 15 anos, esse tipo de coisa né e aí é..isso é cachê, fechado e era uma coisa que é legal não é ruim não, é uma vivência diferente da vivência da orquestra, porque na orquestra você tem um grupo de violoncelo ali, você tem um naipe né, quando você vai pra essa vivência do, do....de fazer cerimonial, geralmente é você e um cello só, você não tem outro, então isso é, processo de aprendizagem, eu acredito que te dá uma confiança e aí agora, eu não tô mais fazendo essa parte da questão de fazer cerimonial por conta de uma questão de logística de instrumento pelo fato de eu não ter, mas eu tô começando com o KESS, o quarteto e é uma vivência também muito interessante porque você volta a ter um esquema de ter primeiro violino, segundo violino, viola e violoncelo, então é como se eu tivesse que segurar um naipe inteiro, então isso é uma responsabilidade muito grande e dá mais confiança com o passar do tempo, tem um medo inicial, mas com o tempo vai te dando a confiança.

6. Comenta sobre as suas vivências em conjunto e em solo.

R: ã... quanto ao tocar violoncelo solo, eu ainda não, não tive isso né, mas é um desafio que eu tô me propondo também, aos poucos eu tô querendo fazer, porque eu acho importante né. ã..agora em grupo é..é muito bom, porque, obviamente você tem a parte que diverge, que são pessoas e pessoas são difíceis ponto né, não tem pra onde correr, mas tem me ajudado a crescer muito porque principalmente o...a orquestra e o KESS, você tá tocando, às vezes você dá a sua opinião e às vezes o outro dá uma divergente e aí você vai testando, então vai te abrindo possibilidades né, a minha vivência em grupo tem sido essa Orquestra e KESS e sempre é...ouvindo coisas e tentando melhorar, sempre.

7. Conta pra mim por que você acredita que eu lhe convidei pra participar desta pesquisa

R: Eu acho que é por conta da gente se conhecer há algum tempo e de tu saber que toco cello e tal, porque a gente, eu acho que te conheci assim que tu entrou no curso porque tu era também da Escola de Música, então a gente se encontrava muito mais lá do que aqui, hoje é o contrário, a gente se encontra mais aqui do que lá –risos- a gente tá mais dentro da universidade do que dentro da escola. ã...mas eu acho que foi por isso e acredito que por confiança no trabalho que a gente tem, como a gente toca junta dentro da orquestra né, eu conheço o teu trabalho, tu conhece o meu, então eu acho que isso tem uma confiança pra questão do convite.

Entrevista 04_Sâmia (estudante)

1. Conta pra mim como foi seu contato com o instrumento

R: É...o primeiro contato com o instrumento foi na Escola de Música, eu fazia aula de violino, passei um ano, aí após algumas adaptações de corpo, ficava muito ruim o instrumento pra mim, o professor sugeriu que eu tocasse a viola pra vê se sentia mais confortável.

2. Com que idade você iniciou nele?

R: Eu tinha 16 pra 17.

3. Fala pra mim sobre as experiências que marcaram relacionadas ao seu instrumento e o significado delas pra ti

R: Uma das apresentações que mais me marcou foi uma tocada que a gente fez na abertura do festival de cinemas, é... justamente por conta que foi tema de filme que eu gosto muito, então foi muito interessante pra mim, foi muito empolgante tocar aqueles temas.

4. O que é pra você hoje, com as suas experiências, vivências, particularidades ser um instrumentista?

R: Pra mim hoje é, além de ser a oportunidade de abranger meu conhecimento musical, o instrumento me permite conhecer também outras áreas do que era acostumada a conhecer, por exemplo, o instrumento me instiga a procurar repertórios erudito, clássico e expande mais o meu conhecimento.

5. Você utiliza o seu instrumento como forma de trabalho? De que forma?

R: Sim, eu toco em eventos, eu já utilizo a viola para algumas músicas e no quarteto que atualmente eu tô tocando.

6. Comenta sobre as suas vivências em conjunto e em solo.

R: Em conjunto as minhas vivências, tem a vivência da orquestra sinfônica, é...é bem interessante porque são peças propõe mais dificuldade de instrumento e tem o quarteto que a gente tá começando, que a gente tá se inteirando como grupo e tá sendo um trabalho muito bom pra mim, porque tá ajudando muito nessa questão da musicalidade em si, porque como é só o quarteto eu acabo que ter mais responsabilidade pra assumir. E como solista, é... atualmente eu tô voltando a ter aula particular, tipo assim né- **interrompi e falei individual-**, por conta que eu passei um tempo sem ter aula individual.

7. Conta pra mim por que você acredita que eu lhe convidei pra participar desta pesquisa

R: Acho que por causa que eu sou, toco instrumento de cordas friccionadas –risos-, acho que é por conta disso, né não!? Sei lá e também, sei lá a questão de ter intimidade comigo, seria uma pessoa que talvez eu toparia, que tu acreditou. Deixa eu ver o que mais e....num sei mais não, -risos-. Acho que é por isso, a gente já se conhecer já, tocar junto, por conta de tocar corda friccionada, não sei se tem uma coisa haver.

Entrevista 05_Emanuel (estudante)

1. Conta pra mim como foi seu contato com o instrumento

R: É...eu comecei a tocar contrabaixo acústico num projeto de extensão ofertado pela Universidade Estadual do Ceará.

2. Com que idade você iniciou nele?

R: Comecei bem tarde já, com 16-17 anos por aí.

3. Fala pra mim sobre as experiências que marcaram relacionadas ao seu instrumento e o significado delas pra ti

R: Eu acho que... tipo, através do, porque a música ela te traz sonhos e com o contrabaixo eu já realizei algum deles, tipo conhecer pessoas que nós músicos admiramos.

4. O que é pra você hoje, com as suas experiências, vivências, particularidades ser um instrumentista?

R: A realização do desejo que a gente tem, de querer tocar, de querer sempre tá fazendo música.

5. Você utiliza o seu instrumento como forma de trabalho? De que forma?

R: Às vezes sim, às vezes, mas geralmente aparece trabalho com o contrabaixo.

6. Comenta sobre as suas vivências em conjunto e em solo.

R: Eu acho que tocar em conjunto é importante pra pessoa desenvolver, desenvolver certas habilidades né, quando você estuda só pra tocar certos tipos de música, você não consegue ter isso tocando sozinho, a prática em conjunto ela expande o conhecimento que o músico tem pra vários horizontes.

7. Conta pra mim por que você acredita que eu lhe convidei pra participar desta pesquisa

R: Porque...eu acho, pela gente ter esse convívio de tocar junto em orquestra e tu vê que todo vivencia esse ambiente, tipo você estuda só, mas no final de tudo vai acabar tocando junto, eu acho que tu acredita que as pessoas podem se unir mais através da música e por isso é importante a prática do instrumento, de qualquer instrumento, não só de cordas friccionadas.

Entrevista 06_Eliana (estudante)**1. Conta pra mim como foi seu contato com o instrumento**

R: Primeiro? Eu comecei...eu não queria violino no começo, eu ia fazer...eu sabia, eu queria fazer alguma coisa de Música, a minha pretensão era fazer teclado quando eu descobri a Escola de Música, e aí quando eu fui na EM me matricular pra teclado, não tinha pra teclado e aí que aconteceu de que tinha vaga pra violino e era um instrumento assim: “ Aí que instrumento legal.”, todo mundo tem aquela imagem do violino, super estima o violino e tudo mais, e eu também tinha essa imagem do violino, então eu quis ir pro violino e aí acabei fazendo violino e assim eu tive o meu primeiro contato com ele.

2. Com que idade você iniciou nele?

R: Eu tinha 14 anos, eu tinha acabado de completar 14 anos.

3. Fala pra mim sobre as experiências que marcaram relacionadas ao seu instrumento e o significado delas pra ti

R: Que mais me marcaram? Ahh tipo, faz muito, muito tempo que eu toco violino e são várias situações, tipo de superação, que eu acho, porque mesmo tendo tanto tempo eu não tenho violino, então passei por muita coisa pra pegar violino emprestado na EM coisas, situações chatas, situações...na EM também teve situações legais, eu tive um professor que me acompanhou a minha maior parte de violino que... meu Deus a maioria, tipo...a questão de tocar, questão de vida pessoal, ele me ajudou muito, tipo..eu era muito infantil na época, eu tinha...era de se esperar eu era jovem ainda e muitas coisas eu fui amadurecendo mais rápido por causa da questão de tocar violino, de tocar na orquestra, participar do grupo, aquela questão de escutar o outro, de saber trabalhar com o outro, às vezes mesmo com “pecuinha”, aprender a respeitar o outro mesmo você não gostando dele e aprender a respeitar e a trabalhar junto, é umas coisas assim que eu fui amadurecendo mais cedo por causa dessa questão de trabalhar em grupo no...por causa do violino né?acho que...humm. os festivais, tipo, a questão da insegurança, geralmente meu professor, ele falava que eu era...eu era muito tímida quando eu entrei na EM e tudo mais, eu realmente era, eu andava toda pra baixo com a cabeça baixa, eu era muito tímida e quando eu comecei a fazer violino, eu meio que comecei a criar a artista dentro de mim, a querer se mostrar que isso é uma coisa do artista, na minha concepção, que é uma coisa do artista, querer mostrar o que sabe fazer e meio que quando eu fui melhorando a tocar e tudo eu melhorei mais nessa minha questão comunicativa, aí eu tive essa vontade mais de me abrir pro mundo e tudo mais, virei mais comunicativa, acho que é isso as situações, tem muito mais, mas eu não tô lembrando agora.

4. O que é pra você hoje, com as suas experiências, vivências, particularidades ser um instrumentista?

R: O que pra mim hoje ser instrumentista? Hum...eu não me vejo como uma instrumentista tão boa, eu gosto muito do instrumental, eu gosto de melhorar cada vez mais as minhas técnicas, eu gosto de tocar cada vez melhor, eu vou ser uma professora e eu me considero uma professora, de violino, não de música ainda, eu me considero já uma professora e...mas como artista, eu quero crescer cada vez mais – repeti a pergunta a pedido dela – eu acho que você ser instrumentista é você sentir a Música, antigamente eu tinha muito uma ligação com a técnica, a questão ah tem que fazer desse jeito, bem certinho, hoje em dia eu percebo que não é só isso, às vezes você pode surgir um pouco da técnica, às vezes quando você foge um pouco da técnica é quando você mais sente a

Música e quando o instrumentista sente a Música é que ele é capaz de passar a Música pro público e isso é uma experiência assim, divina, que poucas pessoas conseguem, eu acho assim que...antigamente! eu me acho muito inexpressiva ainda tocando, eu acho que eu ainda não cheguei no nível de tocar as pessoas, mas eu tô começando a melhorar, aí pra mim essa coisa de começar a largar um pouco a técnica e começar a sentir mais a música tá sendo maravilhoso, um momento que tô tendo agora que tive agora nesses últimos anos, foi uma experiência que eu tive agora e eu tô adorando.

5. Você utiliza o seu instrumento como forma de trabalho? De que forma?

R: Sim, em todas as hipóteses, eu costumo dizer que se eu não tocasse violino se eu não fosse musicista eu ia ser mendiga na rua que eu não sei fazer mais nada, mas tipo eu acho que o violino pra mim, a música em si foi uma coisa maravilhosa que aconteceu na minha vida, maravilhosa mesmo, porque eu realmente eu era aquele tipo de pessoa que eu não sabia nada do que eu ia fazer da minha vida, eu não tinha mínima ideia, o que aparecesse, ia dá bom porque eu não tinha uma vontade, quando apareceu o violino, com 6 meses o Joselito chegou aqui né que ele era o maestro da antiga Orquestra Jovem de Sobral e ele chamou todos os alunos mesmo que iniciantes pra tocar no concerto de natal e aí a gente tocou nessa primeira vez, foi horrível, desafinei a beça, mas foi uma experiência muito boa pra mim e aí logo depois tiveram a iniciativa de começar, essa a apresentação foi tipo um...pra vê se realmente tinha alunos pra fazer a orquestra e realmente tinha e aí começaram a fazer a orquestra, na orquestra a gente discutia muito a questão profissional que foi a primeira vez que escutei assim que eu podia ganhar dinheiro com violino, eu sonho até tocar na Osesp como instrumentista – risos – pra mim hoje em dia eu não acho tão possível, mas com o tempo de tocando em orquestras mais, eu descobri a profissão de professor, eu amo, amo, amo ensinar, agradeço muito o meu professor de ter me obrigado a ensinar porque eu não queria de jeito nenhum, eu dizia assim: eu vou ser instrumentista, eu não vou ser professora. porque eu achava que a profissão, ela é muito injusta, hoje em dia a profissão não tão bem remunerada e tem vários problemas e coisas , mas eu acho que quando você...hoje em dia é eu acho que o professor é algo que você não escolhe, é a profissão que escolhe você. Você tem que ser professor e pronto. Apesar de eu ver todas dificuldades, eu não penso em desistir nunca de ensinar por mais que eu toque numa orquestra profissional, semi profissional, ou vire uma instrumentista mesmo assim, eu não sei, ninguém sabe, eu vou continuar ensinando porque é uma sensação tão boa passar algo que você sabe pra alguém, você poder ter aquela sensação de que você ajudou alguém que você melhorou a vida de alguém que você trouxe algo bom pra vida de alguém é uma sensação maravilhosa e toda vez que um aluno me diz uma coisa assim: ah, tu me ensinou isso e eu melhorei tal coisa, eu tipo...eu não sei explicar a sensação que eu sinto, eu sinto uma sensação muito, muito boa e por gostar dessa sensação eu quero cada vez mais ensinar, eu acho que hoje em dia eu sou mais professora do que instrumentista.

6. Comenta sobre as suas vivências em conjunto e em solo.

R: Em solo eu não tenho muitas, eu...como eu comecei minhas apresentações com o conjunto, eu desenvolvi uma coisa muito, eu me apego muito à questão, porque na orquestra sempre tem uma pessoa que faz a mesma voz que você. Quando eu era iniciante tinha alguém que era mais avançado do que eu e aí eu me confiava nessa pessoa, sempre

aprendi a confiar nos meus parceiros de orquestra e tudo mais. Eu achava muito isso legal, mas de certa forma tem o ônus dessa ideia de você se apegar muito a....tipo...como é que eu posso dizer...a confiar!, isso é muito bom também tem o ônus porque meio que você se acomoda a depender do outro e no solo você não vai poder fazer isso e quando eu tiver as minhas primeiras experiências de solo, eu tremi arco, fiquei muito nervosa e hoje em dia eu não posso dizer que eu consigo tocar perfeitamente solo, mas eu já tô melhorando, é uma coisa que é uma deficiência e que eu tô tentando ajeitar, já que eu acho, na minha concepção que eu trabalho bem em grupo, mas eu não trabalho muito bem em solo.

7. Conta pra mim por que você acredita que eu lhe convidei pra participar desta pesquisa

R: Eu realmente, não sei – risos- mas...eu acho que você tá entrevistando vários instrumentistas e...talvez na sua concepção você está escolhendo instrumentistas que você acha que tem muita bagagem, bagagem independente de ser iniciante ou coisa assim, mas...coisas que viveu, exatamente, tipo antes de começar o instrumento, que tenham boas histórias, não só boas histórias, mas tenha várias histórias sobre a relação dele com a música, acho que você me escolheu por causa disso e também porque eu falo demais – risos-.

Entrevista 7_Marcos (estudante)

1. Conta pra mim como foi seu contato com o instrumento

R: Bem, a princípio eu nunca tinha visto um instrumento antes de eu ir pra Escola de Música, eu encontrei o violoncelo através de alguns vídeos e tal e eu gostei demais do

som, achei que ele ia do grave pro agudo tipo..numa estranheza muito legal numa complexidade assim.

2. Com que idade você iniciou nele?

R: Se eu não me engano por volta de 16, 17 anos.

3. Fala pra mim sobre as experiências que marcaram relacionadas ao seu instrumento e o significado delas pra ti

R; Pronto. Uma experiência que marcou bastante foi eu ter me apresentado lá no teatro por causa que...é... a gente sempre ouvia falar né devido a história do teatro São João, de muitas pessoas já ter passado por lá e quando eu tava lá na frente era como se eu me visse me assistindo, há um tempo atrás e aquela experiência, aquela coisa de poder ter aquela visão do público diferente, sabe!?! De poder mostrar a sua arte, ter alguém apreciando e isso foi...me marcou muito.

4. O que é pra você hoje, com as suas experiências, vivências, particularidades ser um instrumentista?

R: Eu acho que ser um instrumentista é você acreditar na arte, é dedicar a sua vida à arte, é você transcender esse plano material aqui, pelo menos é assim que eu me sinto quando eu tô tocando, ser instrumentista é como se fosse algo mágico, místico.

5. Você utiliza o seu instrumento como forma de trabalho? De que forma?

R: Trabalho é meio difícil né, porque nós não temos muitas pessoas interessadas, mas eu tô iniciando uns projetos de tocar violoncelo com rock e eu espero que daqui algum tempo isso consiga me fazer render dinheiro, enfim...porque é necessário, mas eu ainda não ganhei dinheiro com o instrumento.

6. Comenta sobre as suas vivências em conjunto e em solo.

R: Trabalhar em conjunto é sempre uma desafio, por causa que você tem que se policiar pra você não errar e também se policiar pra que os erros dos outros não atrapalhe o seu e eu acho muito interessante isso, pelo menos na Escola de Música e nos cantos que eu passei, no festival que eu fui, eu pude vivenciar músicos interessados na Música, músicos que querem cada vez mais compartilhar conhecimento, ajudando um ao outro, eu acho isso muito massa, muito interessante. Eu nunca me apresentei em solo assim, mas teve algum tempo eu tocava, eu tava tocando Asa Branca lá na Escola de Música e o professor de teclado passou, aí ele viu e tal, ele disse: “ vamos juntar violoncelo com a sanfona”, aí a gente pegou, ensaiou e fez uma apresentação, aquele dia ali foi muito legal também pra mim.

7. Conta pra mim por que você acredita que eu lhe convidei pra participar desta pesquisa

R: Eu...É meio difícil essa pergunta –risos- eu realmente não esperava, não sei, eu acho que...por conta que eu sou filho da Escola de Música né, cê também é, tô aqui

junto contigo fazendo a mesma faculdade, eu acho que foi por isso. Uma pessoa que viveu mais ou menos as mesmas coisas.

Entrevista 8_Wesley (estudante)

1. Conta pra mim como foi seu contato com o instrumento

R: É... o meu contato com o instrumento através de um professor de violão quando eu ainda estudava na Escola de Música, o professor se chamava Carlos e ele tocava contrabaixo acústico além de ensinar violão. Aí ele sempre convidava a gente pra assistir as apresentações da orquestra, ele tocava na época na Orquestra Jovem de Sobral, era uma orquestra da Escola de Música. Aí eu sempre via ele tocando e tal, achava muito legal e após eu terminar os meus estudos no violão, eu comecei com o baixo elétrico e quando eu comecei com o baixo elétrico eu fiquei muito interessado pelo baixo acústico, por conta que eu já tinha visto o professor tocar, eu achava legal e já tinha começado no baixo elétrico, aí tive a ideia vou começar a tocar o baixo acústico também, esse foi o contato...

2. Com que idade você iniciou nele?

R: Foi mais ou menos ali em 2010, 2011, eu tinha 15 anos de idade.

3. Fala pra mim sobre as experiências que marcaram relacionadas ao seu instrumento e o significado delas pra ti

R: Os momentos que mais marcaram? As experiências (**entrevistadora fala**), as experiências, não é? Essa é uma pergunta difícil, que mais me marcaram? Eu acho que em 2013, ali mais ou menos dois anos depois que eu comecei a tocar contrabaixo aconteceu o festival Eurochestreries aqui em Sobral e ali foi minha primeira prova de fogo assim com o instrumento né!? Se eu realmente conseguia tocar ele, porque era um festival de alto nível, com umas peças bem complicadas e ali eu acho que a primeira experiência que eu tive que eu vi que eu conseguia realmente ter futuro naquele instrumento, eu acho que me marcou de certa forma, eu vi a minha competência que eu realmente tinha competência pra tocar aquele instrumento, eu acho que essa foi a minha primeira...depois..., no ano seguinte eu consegui uma viagem com o quinteto pra França, que veio muito dessa ideia desse festival de 2013 com a minha competência e tal, eu comecei a estudar muito eu acabei conseguindo isso em 2014, viajar pra França e tal, eu acho que essas experiências foram marcantes.

4. O que é pra você hoje, com as suas experiências, vivências, particularidades ser um instrumentista?

R: Annn....ser um instrumentista.... caramba. Eu não vou falar a palavra “ser instrumentista” com a minha experiência, eu não vou usar palavra difícil, mas é meio que...desafiador! acho que uma palavra boa de se usar é desafiador, porque...porque

onde é no meu contexto, onde eu vivo, é...o meu instrumento ele não é muito difundido, não é muito comum e eu sou um dos únicos que realmente estuda o instrumento, que realmente se aprofundou no instrumento e eu ainda não via, não vejo culturalmente na cidade onde eu vivo, onde eu sou contrabaixista, que eu sou instrumentista, que eu possa...realmente trabalhar como instrumentista nessa área, eu não me vejo aqui em Sobral, onde eu vivo, como...que eu vou ser um instrumentista, um baixista e me sustentar com isso, eu não vou ter um emprego aqui em Sobral pelo menos eu acho que como instrumentista.

5. Você utiliza o seu instrumento como forma de trabalho? De que forma?

R: Como forma de trabalho, eu só trabalho mesmo aqui na orquestra da UFC, eu considero como trabalho, alguns consideram só como um grupo de extensão, mas eu considero como meu trabalho, eu sou baixista da OSUFC, eu estudo pra isso, eu dedico muito tempo pra isso, eu considero como trabalho, embora eu não tenha retorno financeiro com isso.

6. Comenta sobre as suas vivências em conjunto e em solo.

R: Em conjunto, as experiências em conjunto são bem maiores, já toquei em várias orquestras, orquestras fixas em Sobral já toquei em duas que era da EM e da UFC, já participei de alguns festivais e a vivência em grupo, principalmente com outros baixistas ela me deu uma aprendizagem muito grande por conta que...como eu falei eu sou um dos únicos na região, na cidade que toca esse instrumento, então pra ter conhecimento, puxar conhecimento de outra pessoa pra mim isso não é viável porque não tem mais ninguém, por exemplo, que eu possa trocar experiências, eu tenho que trocar experiências com pessoas de fora, então todos esses festivais que eu participei eu troquei muita experiência com meu instrumento, mas também tem as experiências com outros instrumentistas, o convívio com orquestra me traz formações muito além do musical, transformações, formação do ser humano, formação de...formação cultural, social, intelectual, essas coisas e questão de individual, você falou de vivências individuais, é...eu não...a vivência individual que eu que tenho com o instrumento é tipo estudar sozinho..é..não tem com-pausa-, como já falei não tenho muito que...como sou único, não tenho muito o que fazer, eu só estudo sozinho o instrumento, não tenho muita vivência individual com o instrumento assim.

7. Conta pra mim por que você acredita que eu lhe convidei pra participar desta pesquisa

R: É...eu acredito que você sabe que eu tenho já uma grande, um grande tempo de experiência com o instrumento, eu acho que eu estaria apto para entrevista por conta disso.

Entrevista 9_Lucas (estudante)

1. Conta pra mim como foi seu contato com o instrumento

R: A viola? Eu comecei a fazer aula de violino em 2015, mas com a viola foi bem depois porque eu não conhecia a viola, conheci depois do violino, foi mais por

necessidade da escola – ele se refere a Escola de Música de Sobral -, porque foi uma prática de conjunto de violino e viola, como não tinha viola no conjunto que eu participava aí me fizeram o convite pra tocar viola e eu aceitei, aí foi quando eu comecei a conhecer melhor o instrumento e gostei e comecei a praticar mais do que o violino que eu já praticava.

2.Com que idade você iniciou nele?

R: Na viola foi com 18 anos.

3.Fala pra mim sobre as experiências que marcaram relacionadas ao seu instrumento e o significado delas pra ti

R: É...a experiência que mais me marcou com a viola foi logo no início do estudo porque eu achava muito como eu não conheci muito o instrumento eu achava que era basicamente a mesma coisa que o violino, mas só que eu comecei a pesquisar, eu mesmo fui pesquisar a diferença bem antiga do violino e a viola e o que mais me marcou foi a diferença da forma de tocar mesmo assim, a minha vista da forma de tocar porque eu achava que era muito parecido com o violino, aí quando eu parei pra entender a diferença que eu tinha tocando violino e a viola eu percebi que tinha muita diferença, que eu tinha que ter uma atenção maior com a viola porque algumas coisas pra mim que eu achava que era a mesma coisa no violino eu tinha que aprender novamente e adaptar pra viola, não ter que adaptar os meus estudos do violino pra viola, mas ter que aprender um novo estudo e aprender que era um instrumento diferente e que tinha uma maneira diferente de tocar, o som diferente e tudo diferente, não era só uma adaptação de um instrumento pro outro, mas era uma nova forma de aprender a estudar.

4. O que é pra você hoje, com as suas experiências, vivências, particularidades ser um instrumentista?

R: Eu ainda tô me reconhecendo com instrumentista, como eu tô ainda no início, mas é algo assim que eu veja assim que apesar de eu ainda estar me reconhecendo, me consigo me identificar realmente e pra mim é muito massa porque eu vejo que as experiências que o instrumentista tem é algo muito pessoal pra ele porque não é algo assim que é como...é uma comparação que eu faço em relação com às outras profissões, com as outras profissões tem que procurar, pra aprender, pra se capacitar mais naquela profissão, pro instrumentista não é algo que ele procura pra vida dele mesmo, é algo que é muito massa porque não precisa de nenhum esforço, apesar de ser “esforçante” estudar um instrumento não...não dá muito esforço porque é algo que a gente quer realmente aprender e conseguir fazer mais nele.

5. Você utiliza o seu instrumento como forma de trabalho? De que forma?

R: Utilizar, tô começando a utilizar agora, porque agora que tá começando a aparecer algumas apresentações, tipo...esse...semana passada eu tive um convite pra tocar num quarteto, outros amigos estão me chamando pra formar quarteto e como...eu mesmo conheço poucos violistas aí meus amigos procuram mais a mim mesmo pra fazer prática de conjunto, aí isso sim dá pra já identificar como uma forma de trabalho.

6. Comenta sobre as suas vivências em conjunto e em solo.

R: Em conjunto pra mim foi, no começo foi bem desafiante porque como eu falei, eu tinha começado no violino e todo mundo que eu conhecia tocava violino então foi muito complicado, porque quando eu comecei a tocar viola na escola onde eu aprendia não tinha outros violistas, então era só eu. Então a atenção que eu esperava que fosse só pra mim como eu era o único violista foi ao contrário, porque sempre era passado tudo pros violinistas, depois que era passado pro violista e às vezes não dava tempo passar algumas coisas, dá uma atenção só pro violista, e então... foi complicado mas também foi muito bom porque...o complicado na parte que digo porque era só eu sozinho apesar de eu tá num grupo de violinistas como eu comecei com um grupo de violinistas e eu só de viola era complicado porque era só eu de viola, mas também era bom porque fazia com que eu tivesse mais atenção e mais dedicação pra conseguir fazer a minha parte de violista, mas também depois como eu consegui entrar em grupo que tinha mais violistas foi melhor porque eu consegui ter uma atenção, consegui ter um olhar mais atento pra forma de tocar e a forma de observar como os violistas tocam e também consegui conhecer mais violistas que foram me ajudando nessa parte. Mas na minha vivência pessoal foi...eu acho que foi melhor porque foi quando eu consegui equilibrar mais o que eu gostava mais porque antes eu fazia, porque... eu comecei no violino porque já não era um instrumento que eu queria quando eu comecei a estudar, quando eu comecei a estudar viola sozinho, nos meus estudos sozinho foi muito massa porque eu consegui, além de conseguir fazer os estudos que era me passado, eu conseguia perceber que realmente era uma coisa que eu gostava mais do que eu fazia antes que era tocar violino, apesar de eu gostar muito de tocar violino eu consegui me identificar mais com a viola.

7. Conta pra mim por que você acredita que eu lhe convidei pra participar desta pesquisa

R: Não sei – risos- eu acho que...na minha opinião foi porque tu percebeu assim desde do começo, como eu falei na entrevista o meu desafio de aprender a começar algo novo e também acompanhou desde o começo apesar de ainda ser o começo, mas acompanhou desde o início do começo é..os desafios e as primeiras percebidas que realmente gostava muito da viola e eu acho que foi por causa disso mesmo de desde o início ter me acompanhado a saber o que eu queria com o instrumento.

Entrevista 10_Natália (estudante)

1. Conta pra mim como foi seu contato com o instrumento

R: No início? É o meu contato com o instrumento ele...de início foi muito estranho, mas depois eu comecei a gostar muito dele e eu vi que dá pra se aperfeiçoar muito

bem, estudando, e hoje em dia o meu contato com ele relacionado antigamente ele é bem melhor, ele é bem mais prático e eu gosto muito.

2. Com que idade você iniciou nele?

R: É...15 anos

3. Fala pra mim sobre as experiências que marcaram relacionadas ao seu instrumento e o significado delas pra ti

R: Os momentos? É... algumas aulas quando eu conseguia passar de música, foram muito legais e alguns grupos que eu participei, da camerata, é... o festival que houve né!? Do primeiro encontro de cordas, é... essas coisas de aprender, esses momentos de aprender e de conhecer pessoas novas da área, ou de outros instrumentos, muito legais pra mim.

4. O que é pra você hoje, com as suas experiências, vivências, particularidades ser um instrumentista?

R: Pra mim hoje em dia é muito desafiador, sempre, mas eu quero fazer disso alguma coisa que eu continue pra minha vida, que eu possa depender disso e... é isso!

5. Você utiliza o seu instrumento como forma de trabalho? De que forma?

R: Eu utilizei esses dias, é... numa apresentação que teve lá no trabalho e... foi tenso porque meio que...eu fui sozinha, mas foi legal a experiência, no trabalho foi a primeira vez, mas se tiverem outras chances quem sabe.

6. Comenta sobre as suas vivências em conjunto e em solo.

R: Em conjunto...eu acho que consigo me dá muito bem, eu acho que consigo me dá muito bem, agora em solo é mais a questão de insegurança, mas eu tô tentando trabalhar isso começando a tocar só nos lugares, na aula mesmo.

7. Conta pra mim por que você acredita que eu lhe convidei pra participar desta pesquisa

R: Eu acredito que seja por ser, tá relacionada com as cordas friccionadas, não sei, ou por estar relacionado a Música, instrumento, relacionado a Música acho que é por aí.